

OS PEQUENOS NEGÓCIOS DO RIO DE JANEIRO E OS SETORES ESTRATÉGICOS DO SEBRAE/RJ

NOTA TEMÁTICA • Nº 47 • JULHO DE 2017



INTRODUÇÃO

O planejamento das diretrizes e o monitoramento das iniciativas do Sebrae/RJ direcionadas aos pequenos negócios requerem, além do acompanhamento contínuo dos indicadores-chave pré-estabelecidos, a compreensão do contexto econômico e social no qual estão inseridos. Para tanto, esta Nota Temática nº 47 propõe a atualização da nº 43, de setembro de 2016, com os últimos dados disponíveis, traçar análise descritiva sucinta da situação macroeconômica recente do Brasil, e descrever o desempenho dos pequenos negócios no Estado do Rio de Janeiro (ERJ), à luz dos setores estratégicos e de atuação do SEBRAE/RJ e da atualização de seus indicadores.

Cabe notar que a análise se concentra nas Micro e Pequenas Empresas (MPE) do Estado do Rio de Janeiro, das doze regiões fluminenses consideradas pelo SEBRAE/RJ¹ e nos sete setores definidos como estratégicos para o SEBRAE/RJ, a saber: alimentos, construção civil, petróleo e gás, turismo, moda, economia criativa e base tecnológica. O método utilizado foi o levantamento e análise de dados secundários, provenientes da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2014 e 2015, do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) de janeiro de 2015 a abril de 2017, e do Portal do Empreendedor (PE), entre janeiro de 2015 e junho de 2017².

Este documento divide-se em três seções: (i) Contexto Macroeconômico; (ii) Desempenho dos pequenos negócios do Rio de Janeiro; e, (iii) Análise das Micro e Pequenas Empresas por Setor.

CONTEXTO MACROECONÔMICO

O ambiente macroeconômico brasileiro apresenta discreta melhora e retomada da atividade econômica, quando comparado a 2016, favorecido, principalmente, pela economia internacional, o bom resultado das contas externas, impulsionado pelas exportações, e pela

1. O Sebrae/RJ divide o território fluminense em 14 regiões, porém, na presente Nota, a cidade do Rio de Janeiro foi considerada uma única região, uma vez que o menor nível de desagregação que os dados utilizados permitem é municipal.

2. Nos três casos, a última observação representa a informação mais recente disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) e pelo Sebrae, no momento da elaboração deste estudo.

melhora de indicadores econômicos. Por outro lado, a incerteza dos agentes ainda define o comportamento de curto e médio prazo da economia, dada a instabilidade política, que atrasa a aprovação de ajustes de longo prazo necessários, como, por exemplo, a reforma da previdência e o ajuste fiscal dos governos federal e estaduais.

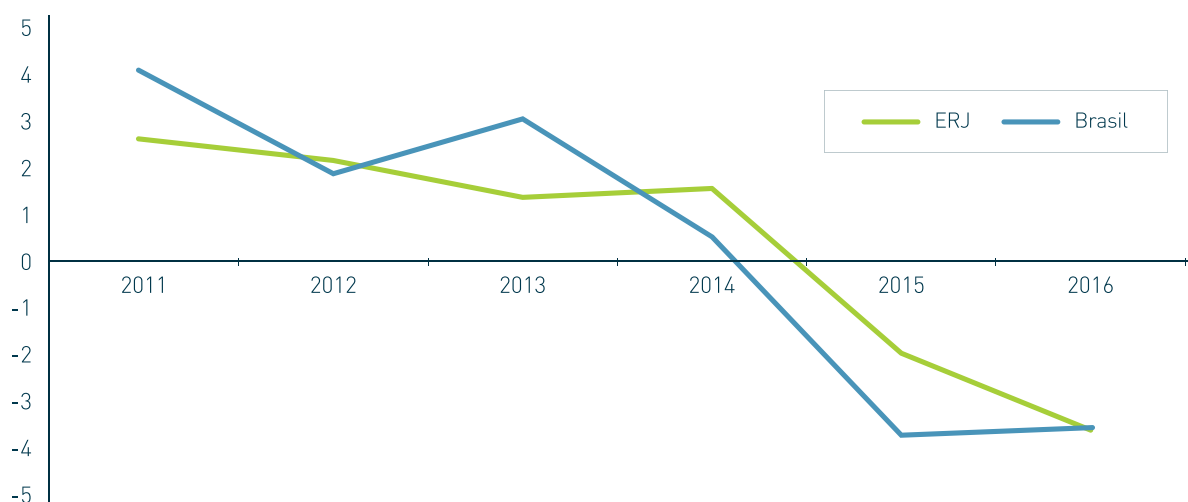
Após oito trimestres consecutivos de queda, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1% no primeiro trimestre de 2017, em relação ao quarto trimestre de 2016. A decomposição setorial demonstra que a agropecuária foi a principal responsável pela retomada, com crescimento das safras de soja, milho e arroz.

Segundo Relatório de Inflação do Banco Central, a projeção para o crescimento do PIB, em 2017, foi mantida em 0,5%, enquanto que no relatório Focus/BCB, que acompanha as expectativas de mercado, os números mostram que nos modelos de crescimento da economia dos bancos a perspectiva diminuiu de 0,5% em janeiro de 2017 para 0,34% em julho.

Em 2016, o Estado do Rio de Janeiro (ERJ) respondia por 10,4% do PIB do país – ainda a segunda unidade da federação em tamanho da economia (R\$ 651,6 bilhões), de acordo com estimativas da Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (Ceperj). O PIB fluminense caiu naquele ano 3,7%, resultado próximo ao do nacional, que retraiu 3,6%. Por setor econômico, as três atividades, Agropecuária, Indústria e Serviços acumularam no ano quedas de 8,0 %, 6,2% e 2,6%, respectivamente.

O Gráfico 1 mostra a desaceleração econômica entre 2011 e 2016. No ERJ a queda foi discreta até 2014 ao contrário do Brasil, que sofreu deterioração acumulada mais acentuada. A partir de 2014, a produção nacional desacelera com velocidade maior do que a fluminense.

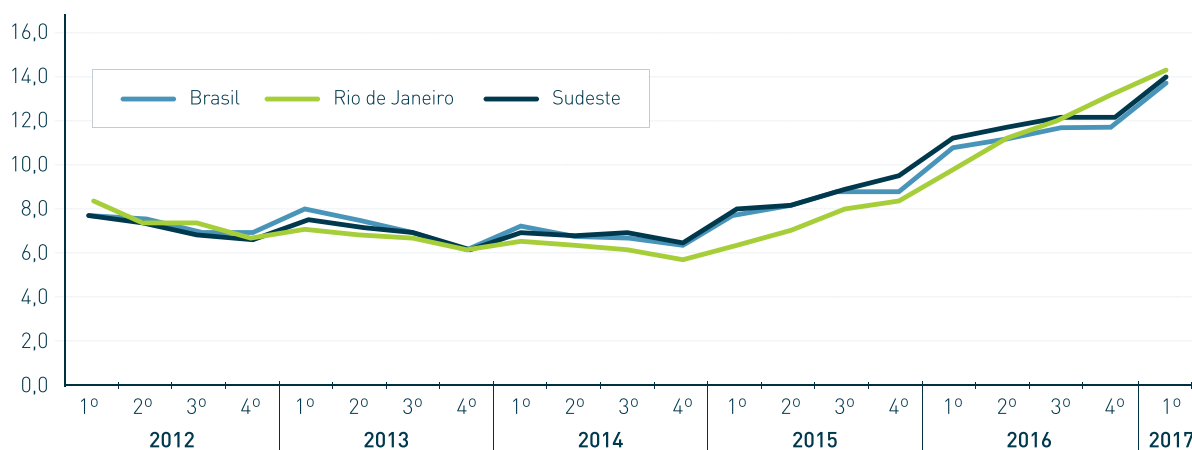
GRÁFICO 1 | TAXA DE CRESCIMENTO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) DO BRASIL E DO ERJ (%) - 2011 A 2016 FONTE: IETS com base nos dados da Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (Ceperj) e das Contas Nacionais/IBGE. *Estimativa do PIB regional.



Em relação aos componentes da demanda agregada, o consumo das famílias permaneceu em patamar reduzido e estável de -0,1%, e a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), proxy dos investimentos, retraiu 1,6%, influenciado pelo recuo da produção de insumos da construção civil e das importações de bens de capital, em contraste ao cenário positivo do setor externo - favorecido pelo aumento das exportações (+4,8%), com participação expressiva do resultado da safra de grãos e o comportamento da pauta petróleo.

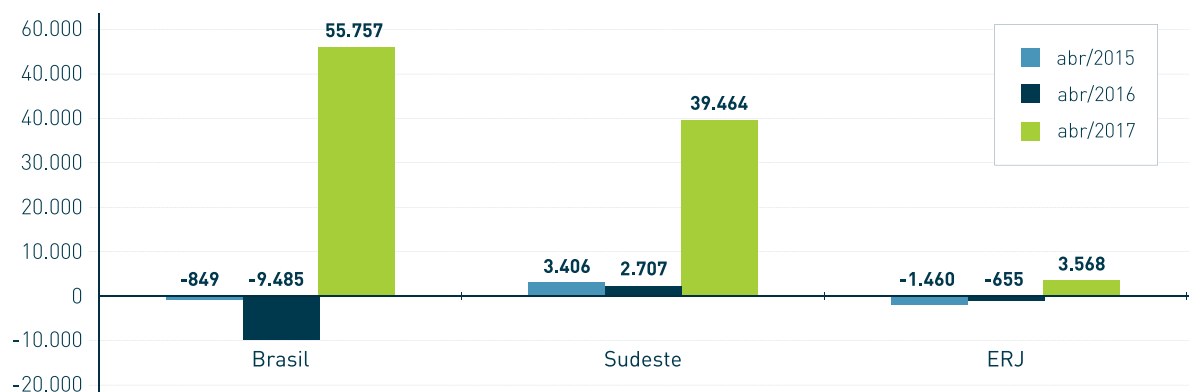
Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a deterioração no mercado de trabalho continua a afetar a taxa de desemprego, que atingiu 13,7% no primeiro trimestre de 2017. O Gráfico 2 aponta a evolução do desemprego no Brasil, na região Sudeste e no ERJ. No estado, o desemprego apresentou trajetória bastante similar ao do país e do Sudeste. Resistiu em níveis menores no período de agravamento da crise, a partir de 2015. No entanto, em 2016, a evolução da taxa de desocupação foi mais acelerada do que nas outras áreas analisadas, atingiu recorde da série histórica (iniciada em 2012), 14,5%, ou 1,34 milhão de pessoas desocupadas ou subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas.

GRÁFICO 2 | EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO (TRIMESTRAL) - 2012 A 2017 FONTE: IETS com base nos dados da Pnad Contínua/IBGE.



O mercado de trabalho formal, porém, apresenta sinais de recuperação, especialmente em função do decréscimo das demissões em 2017. O Gráfico 3 apresenta a evolução recente do saldo entre admissões e demissões no total de empresas brasileiras, do Sudeste e do ERJ. Na comparação, o Sudeste foi o único que sistematicamente, no mês de abril, desde 2015, criou mais postos de trabalho formal do que destruiu.

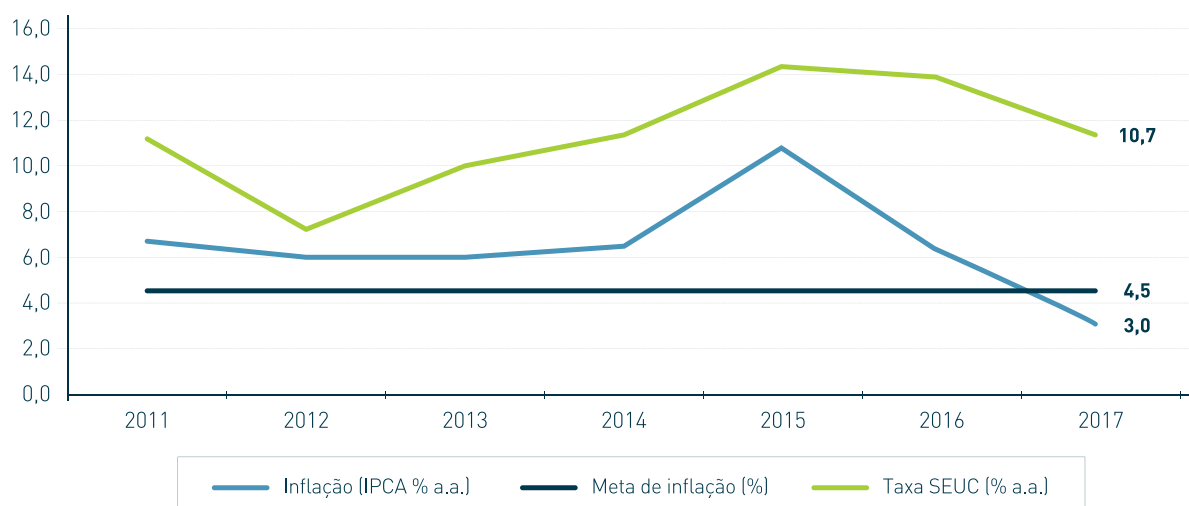
GRÁFICO 3 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NO TOTAL DAS EMPRESAS, MÉDIAS DE ABRIL - 2015 A 2017 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DO CAGED/MTPS, 2015 A 2017 (MÊS DE REFERÊNCIA ABRIL).



A trajetória de rigidez no mercado de crédito persiste. Segundo dados do BACEN, as operações de crédito do sistema financeiro recuaram 0,1%, no primeiro trimestre, influenciadas pela retração na carteira de pessoas jurídicas. Na contramão, a carteira de pessoas físicas apresentou crescimento, com destaque para o desempenho das modalidades consignado, rural e imobiliário. Nesse período, a relação crédito/PIB atingiu 48,4% em abril, ante 51,8% no mesmo mês de 2016.

Após ultrapassar o teto da meta em 2015 (limite superior de 6,5%), quando o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) alcançou 10,67% ao ano, o comportamento da inflação é favorável no ano corrente: as expectativas de inflação anual de 2017, projetadas pela pesquisa Focus/BCB, recuaram de 4,86% em janeiro de 2017 para cerca de 3,29% em julho e encontram-se em torno de 4,2% para 2018. O Gráfico 4 em janeiro apresenta a evolução da inflação (IPCA acumulado de 12 meses) e da taxa de juros SELIC de 2011 a 2017.

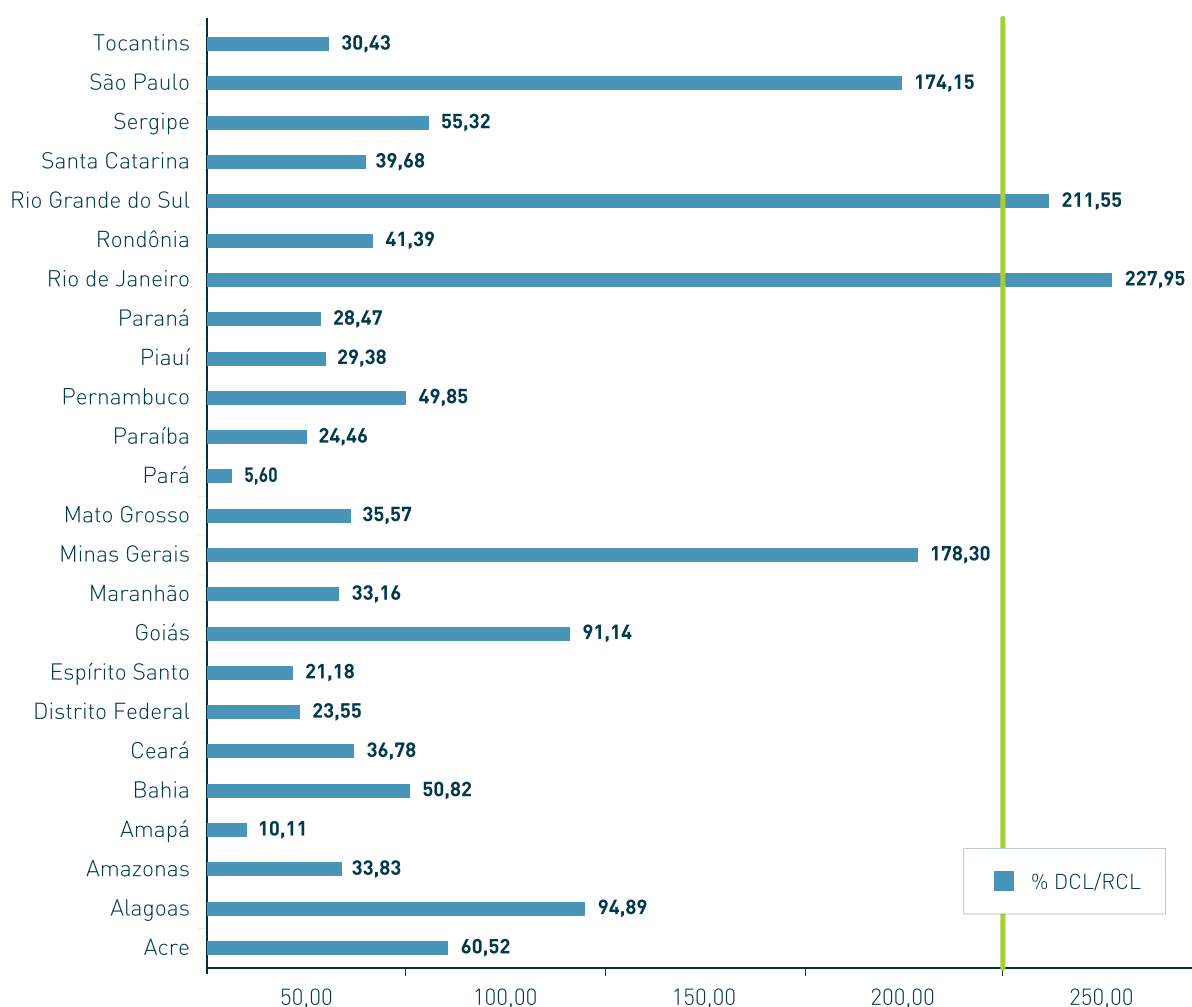
GRÁFICO 4 | EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO E DA TAXA DE JUROS (% A.A.) - 2011 A 2017 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DO SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR/IBGE E BANCO CENTRAL DO BRASIL.



Este processo desinflacionário, segundo Relatório de Inflação do BACEN, tem contribuído para a evolução favorável da renda real, mesmo no contexto adverso, com taxa de desemprego crescente. No primeiro trimestre de 2017 o rendimento médio de todos os trabalhos foi de R\$ 2.110 no Brasil e de R\$ 3.037 no Rio de Janeiro (Pnad-C). Quando comparados ao mesmo período de 2016, esses valores indicam trajetórias distintas: ligeira queda no rendimento real dos trabalhadores fluminenses e aumento do rendimento do trabalho nacional.

Conforme apresentado na Nota Temática nº 43, de setembro de 2016, praticamente todos os estados brasileiros apresentavam elevação do nível de endividamento desde 2011 – à época as exceções eram Rio Grande do Norte, Pará, e Paraná. O Gráfico 5 apresenta o nível de endividamento dos estados no primeiro quadrimestre de 2017. A partir dele, é possível observar que o estado do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul ultrapassam o limite de endividamento imposto pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), excedendo mais que 2 vezes a Receita Corrente Líquida. Minas Gerais e São Paulo também se encontram próximos ao limite da LRF.

GRÁFICO 5 | NÍVEL DE ENDIVIDAMENTO LÍQUIDO DOS ESTADOS: DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA/ RECEITA CORRENTE LÍQUIDA - 2017 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DA SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL (STN).



Apresentadas as principais considerações sobre o contexto macroeconômico do País, a seguinte seção analisa o desempenho recente dos pequenos negócios do ERJ, que, como visto, enfrentam o cenário de alto desemprego e baixa liquidez da economia. Foram selecionados alguns indicadores específicos que apontam, por exemplo, a evolução da adesão ao Simples Nacional, da taxa de inadimplência e da demanda de mão de obra formal.

DESEMPENHO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS DO RIO DE JANEIRO

Os dados mais recentes disponíveis da RAIS (2015) apontam que, naquele ano, estavam ativas no Estado do Rio 288.294 empresas, cerca de 97% (279.142) classificadas como micro e pequenas empresas³. Quando comparados os dados de 2014 e 2015, nota-se que a crise econômica pode ter influenciado o fechamento de empresas de pequeno, médio e grande porte. À margem, a mesma comparação mostra que o número de microempresas aumentou ligeiramente, de um ano para o outro.

De acordo com o Portal do Empreendedor, em junho de 2017 o Brasil registrava 7,2 milhões MEI, o que representa aumento de 16,4% em relação ao mesmo mês de 2016. Conforme ilustra o Gráfico 6, em junho de 2017 o Estado do Rio de Janeiro tinha mais de 882 mil MEI, o que corresponde a 12,2% do total do País e 23,6% do Sudeste. Entre janeiro de 2015 e junho de 2017, o ERJ registrou aumento de 56,6% dos registros oficiais de MEI, a quarta maior taxa dos estados, abaixo apenas de Santa Catarina (+63,6%), Paraná (+61,1%) e São Paulo (+57,2%). No total brasileiro, o crescimento foi de 52,6%. Estes resultados indicam que os MEI podem ter amortecido, em certa medida, a crise e o desemprego – sobremaneira no ERJ.

Um dos reflexos da crise de liquidez na qual se encontra o ERJ é o aumento da inadimplência. De acordo com os dados do Sebrae, em abril deste ano, a taxa de inadimplência, entre os MEI, colocou-se substancialmente superior ao da média brasileira – 65,5% ante 56,8%. O Gráfico 7 revela a evolução mensal da inadimplência, desde 2015, e aponta que o ERJ computou taxa máxima desta série, superando 72%. Os dados indicam que os MEI fluminenses apresentam taxas de inadimplência mais elevadas do que a média nacional, ao longo da série analisada. As três curvas exibem comportamentos similares.

3. Considerando como porte Microempresa (0 a 19 empregados na indústria e na construção civil e 0 a 9 empregados no comércio, serviços e agricultura); Empresa de Pequeno Porte (20 a 99 empregados na indústria e na construção civil e 10 a 49 empregados no comércio, serviços e agricultura); Média e Grande Empresa (mais de 99 empregados na indústria e na construção civil e mais de 49 empregados no comércio, serviços e agricultura). Os dados não incluem administração pública nem a RAIS negativa.

GRÁFICO 6 | GRAU DE FORMALIZAÇÃO E VARIAÇÃO DE EMPREENDEDORES FORMAIS POR SETOR DE ATIVIDADE – 2015 A 2016 FONTE: IETS / Estimativas produzidas com base na Pnad Contínua (IBGE) 2015 a 2016.

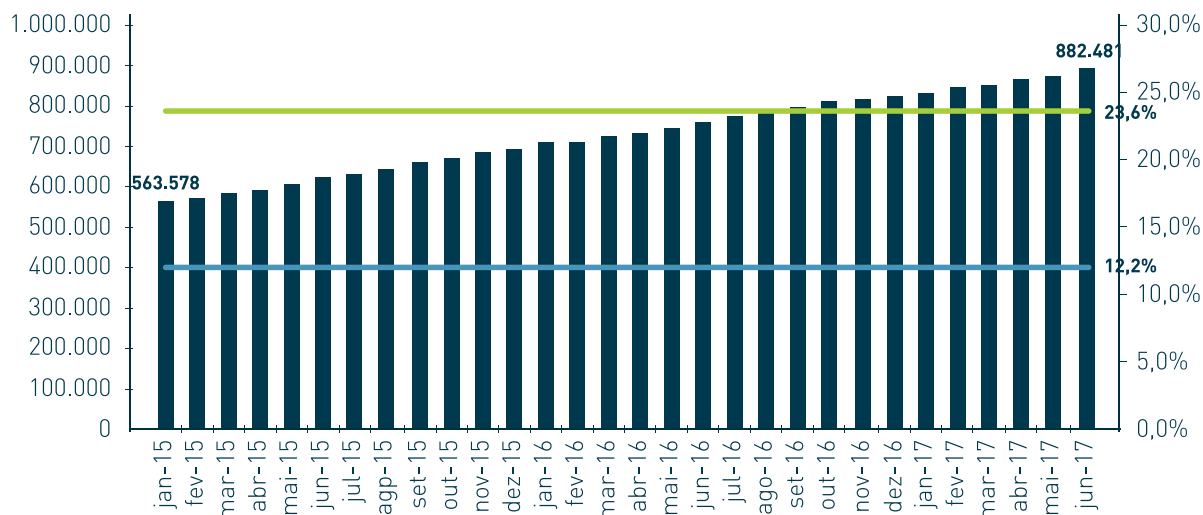
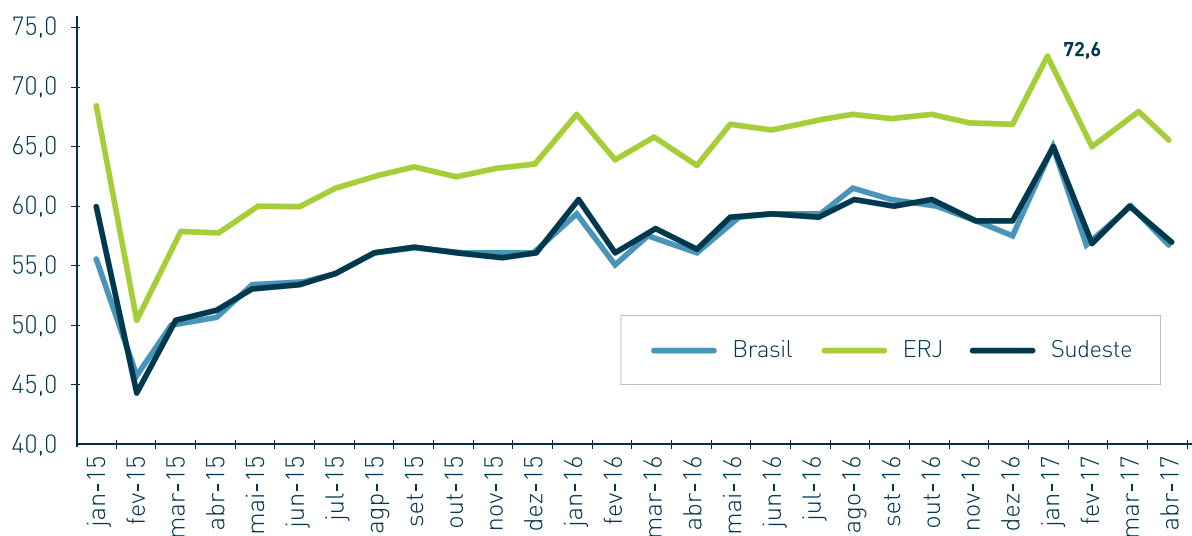
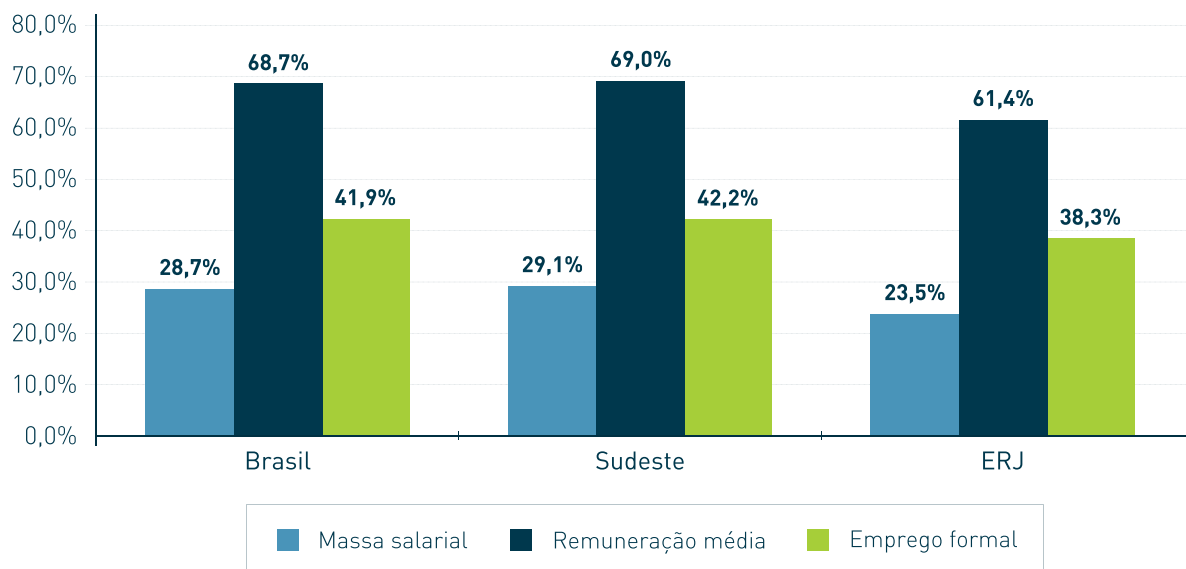


GRÁFICO 7 | TAXA DE INADIMPLÊNCIA DOS MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS (MEI) NO BRASIL, SUDESTE E NO ERJ - JAN/2015 A ABR/2017 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DO SEBRAE/RJ.(IBGE) 2015 a 2016.



A capacidade de geração de emprego e renda das micro e pequenas empresas, por outro lado, é considerável. O gráfico a seguir apresenta a participação das MPE no emprego formal e na massa salarial. Em 2015, as MPE respondiam por 41,9% do emprego formal no país e por 38,3% no ERJ. Já em termos de massa salarial, a diferença de importância entre os recortes era maior: de 28,7% no Brasil e de 23,5% no ERJ. No território fluminense, o peso da MPE na remuneração média também foi menor comparada ao recorte nacional e regional – 61,4%, ante 68,7% e 69%, respectivamente. Vale notar que a participação das empresas de micro e pequeno porte têm considerável importância diante da média nacional.

GRÁFICO 8 | PARTICIPAÇÃO DA MASSA SALARIAL, REMUNERAÇÃO MÉDIA, E DO PESSOAL OCUPADO NAS MPE NO TOTAL DE EMPRESAS - 2015 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DA RAIS/MTPS,



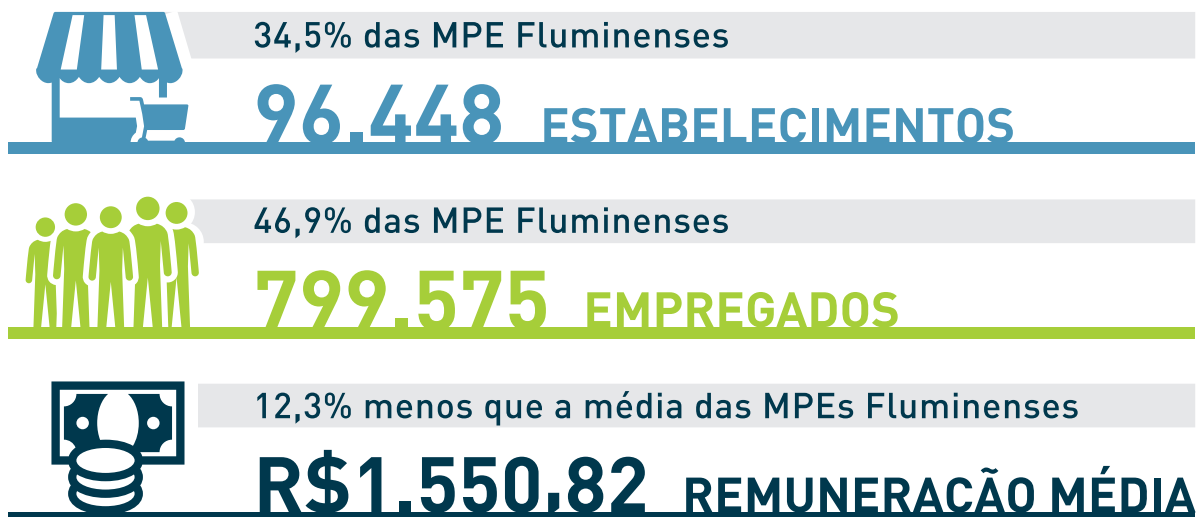
Para aprofundar a análise das micro e pequenas empresas fluminenses, a próxima seção apresenta indicadores gerais, com base nos dados da RAIS/MTPS, considerando os sete setores estratégicos de atuação do Sebrae/RJ.

ANÁLISE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS POR SETOR

Segundo os dados da RAIS/MTPS⁴, em 2015, as microempresas (ME) representavam 80,5% dos estabelecimentos fluminenses, enquanto empresas de pequeno porte, 16,3%. O Quadro 1 aponta a representatividade do conjunto dos sete setores estratégicos nas MPE do Estado do Rio de Janeiro. Ao todo, em 2015, somavam 96.448 estabelecimentos registrados na relação anual, e empregavam quase 800 mil pessoas em postos formais de trabalho. Os setores apresentavam uma remuneração média de R\$ 1.550,82, montante ligeiramente inferior ao percebido da média.

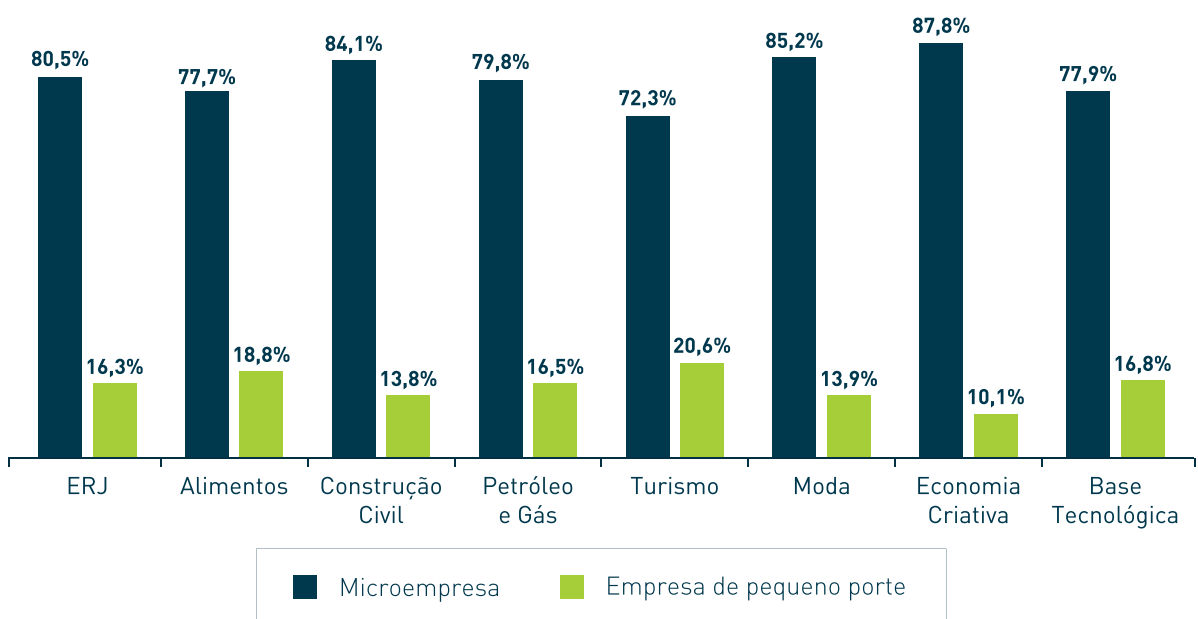
4. Considerando como porte - Microempresa (0 a 19 empregados na indústria e na construção civil e 0 a 9 empregados no comércio, serviços e agricultura); Empresa de Pequeno Porte (20 a 99 empregados na indústria e na construção civil e 10 a 49 empregados no comércio, serviços e agricultura); Média e Grande Empresa (mais de 99 empregados na indústria e na construção civil e mais de 49 empregados no comércio, serviços e agricultura). Os dados não incluem administração pública nem a RAIS negativa.

QUADRO 1 | AS MPE DOS SETE SETORES ESTRATÉGICOS DO SEBRAE FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015



O Gráfico 9 apresenta a distribuição das empresas por porte, segundo os setores estratégicos⁵. Vale ressaltar, no entanto, que essa distribuição se dá pela característica de dados fornecidos pela RAIS, onde são considerados somente os estabelecimentos formais.

GRÁFICO 9 | DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DOS SETORES ESTRATÉGICOS NAS EMPRESAS DO ERJ POR PORTE - 2015 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DA RAIS/MTPS, 2015



5. São sete os setores estratégicos: alimentos, construção civil, petróleo e gás, turismo, moda, economia criativa e base tecnológica. A metodologia da presente Nota Temática se diferencia em relação à da nota nº 43, uma vez que não considera os códigos de interseção da CNAE entre os setores estratégicos. Ou seja, não há códigos duplicados.

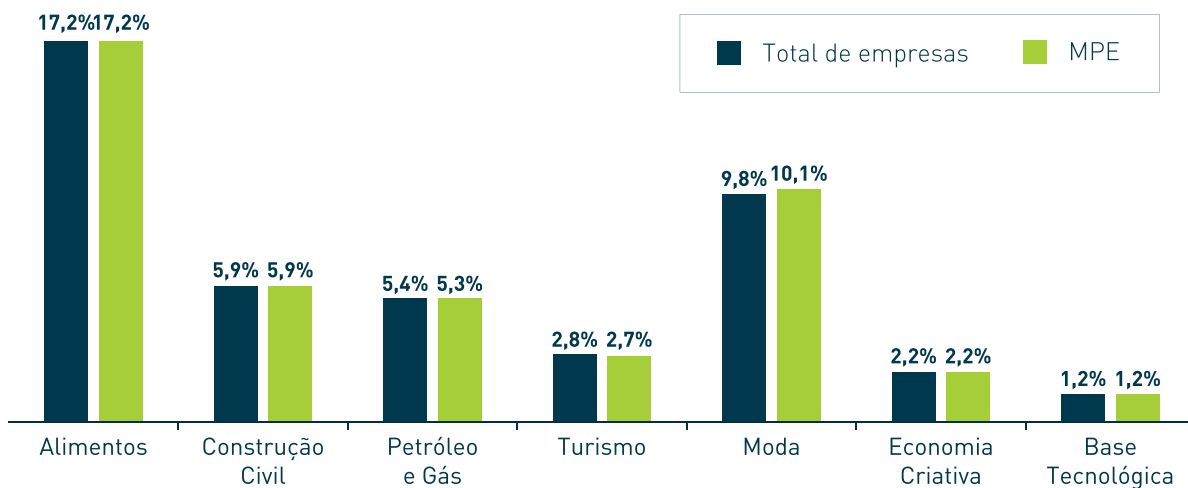
A Tabela 1 mostra a evolução do número de empresas fluminenses entre 2014 e 2015 para os setores de interesse, diferenciando-as por porte. Entre os dois anos, cabe ressaltar que a abertura de empresas no território fluminense foi praticamente nula – com a contribuição expressiva do setor de base tecnológica (11,7%). Em geral, as microempresas fluminenses resistiram à deflagração da crise, mantendo praticamente o mesmo número de estabelecimentos, com variação média de 0,5% entre 2014 e 2015. No período, houve fechamento de empresas de pequeno porte (-0,7%) e de médio e grande porte (-4,2%). Esse resultado pode ser ainda mais severo quando publicados os dados para 2016, com a integralização do efeito da crise econômica – e também poderia ter sido pior se não fosse a participação da criação de novas empresas relacionadas ao setor de base tecnológica.

TABELA 1 | EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS POR PORTE E SETOR ESTRATÉGICO – 2014 E 2015 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DA RAIS/MTPS, 2014 E 2015.

SETOR	TOTAL - ERJ			MICROEMPRESA			EMPRESA DE PEQUENO PORTE			MÉDIA E GRANDE EMPRESA		
	2014	2015	VAR.	2014	2015	VAR.	2014	2015	VAR.	2014	2015	VAR.
ERJ	287.851	288.294	0,2%	230.942	232.098	0,5%	47.352	47.044	-0,7%	9.557	9.152	-4,2%
Alimentos	48.631	49.684	2,2%	37.796	38.605	2,1%	9.093	9.339	2,7%	1.742	1.740	-0,1%
Construção Civil	17.420	16.957	-2,7%	14.497	14.261	-1,6%	2.530	2.345	-7,3%	393	351	-10,7%
Petróleo e Gás	15.475	15.504	0,2%	12.179	12.370	1,6%	2.666	2.551	-4,3%	630	583	-7,5%
Turismo	8.131	8.210	1,0%	5.850	5.937	1,5%	1.687	1.691	0,2%	594	582	-2,0%
Moda	29.211	28.362	-2,9%	24.679	24.157	-2,1%	4.230	3.950	-6,6%	302	255	-15,6%
Economia Criativa	6.272	6.223	-0,8%	5.445	5.462	0,3%	701	629	-10,3%	126	132	4,8%
Base Tecnológica	3.078	3.437	11,7%	2.452	2.679	9,3%	480	577	20,2%	146	181	24,0%

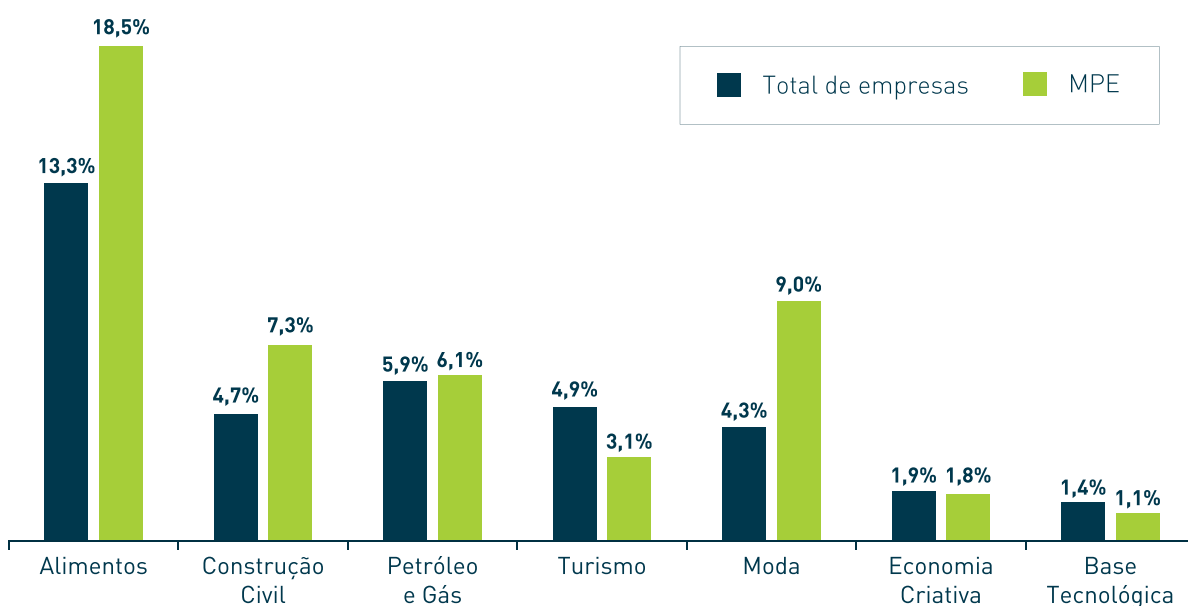
No que tange à distribuição percentual dos estabelecimentos entre os setores, o Gráfico 10 indica que o setor de alimentos concentra 17,2% dos estabelecimentos do estado, seguido por moda, 9,8%; construção civil, 5,9%; turismo, 9,1%; petróleo e gás, 5,4%. Turismo, uma atividade considerada chave para o estado, tem participação pequena no total de empresas, 2,8% – o que representa queda de representatividade quando comparado ao ano de 2014. Os demais setores têm baixa representatividade, como economia criativa e base tecnológica, que respondem por 2,2% e 1,2%, respectivamente. Assim como verificado na média do estado, onde as MPE representam 96,7% das empresas, nos sete setores as MPE também se consolidam como maioria: seu peso varia de 92,9% em Turismo a 99,0% em moda.

GRÁFICO 10 | PESO DAS EMPRESAS DOS SETORES ESTRATÉGICOS NO TOTAL DE EMPRESAS E NAS MPE DO ERJ - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Em relação ao número de empregados formais, o setor de Alimentos também se destaca tanto na geração de emprego no ERJ e nas MPE. No Gráfico 11, é possível observar que o setor de alimentos responde por 13,3% do total dos empregados formais fluminenses, enquanto moda, 4,3%. No Rio de Janeiro, as MPE são responsáveis por 38,3% da geração de emprego formal. A participação das MPE no emprego formal varia bastante entre os setores e, em geral, responde por cerca de 47%.

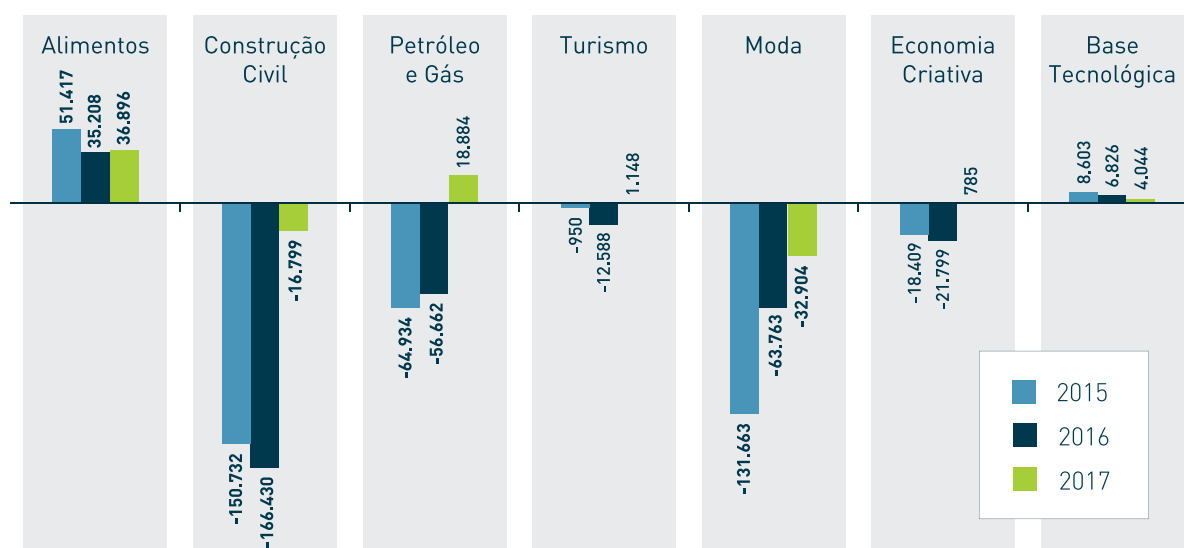
GRÁFICO 11 | PERCENTAGEM DE EMPREGADOS DOS SETORES ESTRATÉGICOS NO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS E NAS MPE DO ERJ - 2015 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DA RAIS/MTPS, 2015.



Acompanhando o que foi verificado para o Estado do Rio de Janeiro (ver Gráfico 3), para a maior parte dos setores selecionados, o período entre 2015 e 2017 caracteriza-se pela destruição de postos de trabalho – com exceção de Petróleo e Gás e Turismo. No primeiro caso, a criação de postos de trabalho no primeiro quadrimestre de 2017 pode encontrar justificativa no aumento das exportações, apresentada na primeira seção, que contribuiu para o resultado positivo do PIB. Já no setor de Turismo, este resultado pode estar relacionado com o verão e as férias escolares (considerando que para 2017 os resultados ainda são parciais, até abril). Curioso pontuar, ainda, que, mesmo com a realização dos jogos olímpicos na Cidade do Rio de Janeiro, as MPE fluminenses do setor de turismo computaram saldo líquido negativo em 2016: mais de 12 mil demissões.

O Gráfico 12 ilustra o desempenho recente do emprego formal nas MPE por setor, a partir dos dados do Caged/MTPS. A deterioração do mercado de trabalho foi essencialmente mais intensa em 2015 nos setores de Moda e Petróleo e Gás. Já em 2016, os mais afetados em termos de fechamento de vagas foram Construção Civil, Turismo, e Economia Criativa. Por outro lado, 2017 tem sido um ano de recuperação entre as MPE fluminenses, todavia, mais em termos de diminuição das demissões do que aumento nas admissões em si. A única exceção entre os grupos dos setores que não obedeceu a esta tendência foi o de Base Tecnológica que destruiu mais de 2 mil vagas entre 2016 e 2017.

GRÁFICO 12 | SALDO ENTRE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS NAS MPE POR SETORES ESTRATÉGICOS - 2015 A 2017 FONTE: IETS COM BASE NOS DADOS DO CAGED/MTPS, JANEIRO 2015 E ABRIL 2017.



O Painel 1, a seguir, estende a análise por setor estratégico, apresentando a evolução mensal do saldo de empregos entre janeiro de 2015 e abril de 2017. Inicialmente já é visível o desempenho negativo em comum dos setores, mas com trajetórias bem distintas ao longo dos meses. No geral, as trajetórias das MPE tendem a acompanhar o comportamento do total de

empresas nos setores de atuação do Sebrae/RJ. A exceção, como dito, foi o setor de base tecnológica, cujas MPE apresentaram maior fôlego, sustentando saldo positivo por quase toda série, excluindo os meses de dezembro de 2015 e de 2016.

No total de empresas, os setores de construção civil e economia criativa se sobressaem por sustentarem, por quase todo o período analisado, um saldo entre admissões e desligamentos abaixo de zero.

PAINEL 1 | SALDO MENSAL ENTRE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS NAS MPE POR SETORES ESTRATÉGICOS - 2015 A 2017 FONTE: IETS com base nos dados do Caged/MTPS, janeiro 2015 e abril 2017.



Em relação aos rendimentos do trabalho, as micro e pequenas empresas dos sete setores selecionados costumam renumerar menos do que a média estadual (R\$ 1.550 e R\$ 2.113, respectivamente) – atingindo praticamente um diferencial de 27%.

Entre os setores estratégicos, os empregados de base tecnológica recebem os maiores salários, seja na média estadual, quanto nas MPE: R\$5.107 e R\$3.209 respectivamente. Os empregados na área de Economia Criativa e Petróleo e Gás também apresentam rendimentos acima da média.

Apesar de se destacarem tanto em número de empregados quanto em número de estabelecimentos, os setores construção civil, moda e alimentos remuneram abaixo da média – que são atividades que, de certa forma, demandam uma mão-de-obra de baixa qualificação. Esta hipótese pode encontrar fundamento por meio da análise do Gráfico 12 que apresenta a qualificação da mão de obra fluminense em termos de nível de escolaridade.

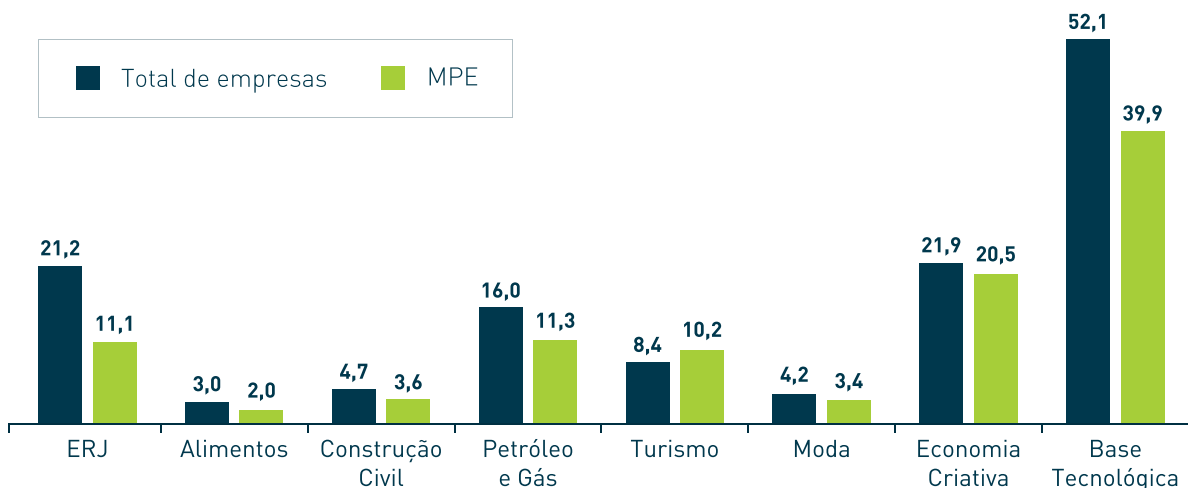
TABELA 2 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NOS SETE SETORES ESTRATÉGICOS - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

SETOR	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Alimentos	R\$1.221,93	R\$1.378,48	88,6%
Moda	R\$1.321,79	R\$1.419,23	93,1%
Turismo	R\$1.611,05	R\$2.183,80	73,8%
Construção Civil	R\$1.646,80	R\$1.903,36	86,5%
Petróleo e Gás	R\$2.216,62	R\$3.109,42	71,3%
Economia Criativa	R\$2.288,61	R\$3.869,89	59,1%
Base Tecnológica	R\$3.209,81	R\$5.107,72	62,8%
MÉDIA DOS SETORES	R\$1.550,82	R\$2.113,88	73,4%

De acordo com o gráfico seguinte, nota-se que o padrão observado nos dados de escolaridade é semelhante ao verificado na Tabela 2, isto é, os setores que se destacaram pelo elevado rendimento médio também são os que apresentam maior percentual de empregados com ensino superior completo. Essa relação é válida para as atividades com menor remuneração. Do total de empregados na área de moda, 4,2% apresentam ensino superior; em alimentos, esse percentual é de apenas 3,0%. Ao considerar somente as MPE, essas taxas são ainda menores: 3,4% e 2,0%, respectivamente.

Com exceção do setor de Turismo, nos setores selecionados a mão de obra ocupada no total das empresas possui percentual maior de empregados com Ensino Superior do que os das MPE. Essa diferença é particularmente grande no setor de Base Tecnológica em que o percentual com ensino superior é o mais elevado dentre todos. Ali, mais da metade dos empregados formais possuem Ensino Superior.

GRÁFICO 13 | PERCENTUAL DE MÃO DE OBRA OCUPADA COM ENSINO SUPERIOR NO TOTAL DAS EMPRESAS E NAS MPE POR SETOR ESTRATÉGICO (%) - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Na sequência, é apresentada a participação de cada setor de atuação estratégica do Sebrae/RJ nos números de empresas e empregados formais no ERJ, e suas respectivas remunerações, desagregados por regiões fluminenses.

ALIMENTOS

O setor de alimentos abrange atividades desde o campo até o varejo. Alguns tipos de negócios neste setor de atuação do Sebrae/RJ são relacionados a: produção rural, alimentos orgânicos, aquicultura, cafeicultura, bebidas artesanais, confeitaria e panificação, sorvetes artesanais, e bares e restaurantes, incluindo foodtrucks.

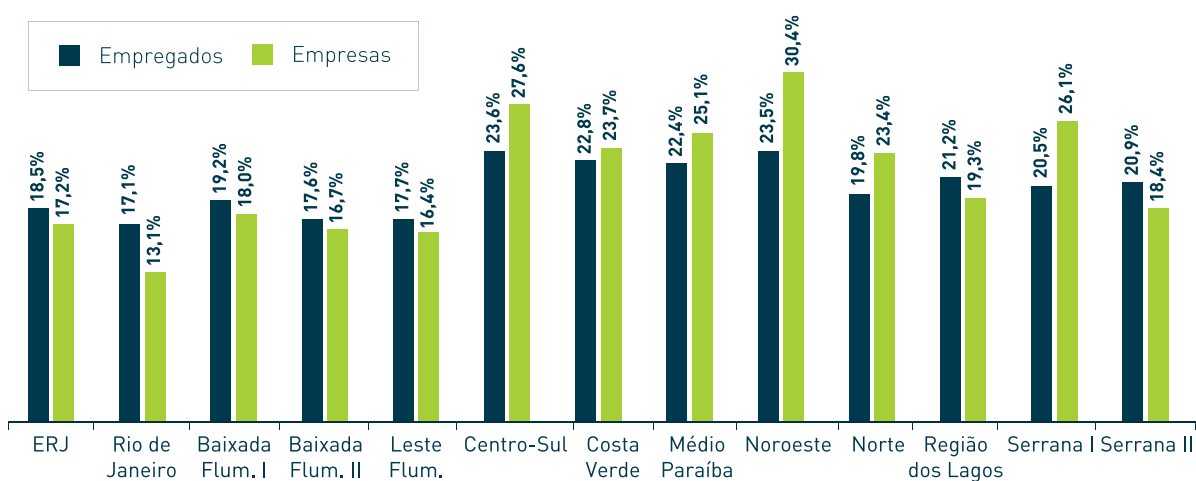
Em 2015, no ERJ, o universo correspondia a mais de 49 mil empresas e empregavam quase 600 mil pessoas - o que o torna o mais representativo dos setores. Àquele momento, as micro e pequenas empresas fluminenses do ramo totalizavam 47,9 mil, correspondente a 17,2% do total de MPE no Estado do Rio de Janeiro e ocupavam 18,5% dos empregados formais nas MPE do estado, de acordo com o Gráfico 14.

A distribuição das MPE entre as regiões indica que o setor é relevante em todo o território fluminense, sobretudo nas regiões Noroeste e Centro-Sul que apresentavam as maiores proporções de MPE (30,4% e 27,6%, respectivamente) e de seus empregados (23,5% e 23,6%, da mesma forma). O setor tem grande relevância também nas regiões Serrana I, Médio Paraíba, Costa Verde e Norte. Conforme também explicitado na Nota Temática nº 43, nas seis regiões, onde o peso das micro e pequenas empresas de alimentos é maior — Noroeste,

Centro-Sul, Serrana I, Médio Paraíba, Costa Verde e Norte —, a representatividade das empresas estabelecidas é maior do que a do número de empregados formais. Nas demais regiões, essa relação se inverte.

As MPE do município do Rio de Janeiro têm a menor participação relativa tanto no número de estabelecimentos, quanto na geração de empregos neste setor.

GRÁFICO 14 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE ALIMENTOS NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ
– 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



A Tabela 3 descreve a remuneração média dos trabalhadores formais do setor de alimentos em território fluminense. Conforme analisado anteriormente, entre os setores estratégicos do Sebrae, os empregados desse ramo são os que recebem os menores salários, R\$1.221, na média entre as micro e pequenas empresas – conforme dados de 2015. O valor da remuneração entre as regiões não se distancia muito deste valor. Os trabalhadores da região Serrana I são os que recebem os menores salários, em torno de R\$1.100 – seguindo pelos da Noroeste que detém o maior percentual de micro e pequenas empresas de alimentos.

Voltando à Tabela 2, aponta-se que o diferencial entre a remuneração das MPE e do total de empresas é bem menor do que o verificado para a seleção dos setores, 11,4% ante 28,8%.

TABELA 3 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE ALIMENTOS - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 1.221,93	R\$ 1.378,48	88,6%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 1.264,00	R\$ 1.443,33	87,6%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.177,79	R\$ 1.340,36	87,9%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.206,11	R\$ 1.291,32	93,4%
Leste Fluminense	R\$ 1.248,56	R\$ 1.351,26	92,4%
Centro-Sul	R\$ 1.147,59	R\$ 1.271,64	90,2%
Costa Verde	R\$ 1.187,36	R\$ 1.245,24	95,4%
Médio Paraíba	R\$ 1.148,02	R\$ 1.263,50	90,9%
Noroeste	R\$ 1.102,68	R\$ 1.189,27	92,7%
Norte	R\$ 1.192,58	R\$ 1.411,08	84,5%
Região dos Lagos	R\$ 1.203,94	R\$ 1.256,88	95,8%
Serrana I	R\$ 1.099,24	R\$ 1.215,67	90,4%
Serrana II	R\$ 1.159,14	R\$ 1.404,88	82,5%

CONSTRUÇÃO CIVIL

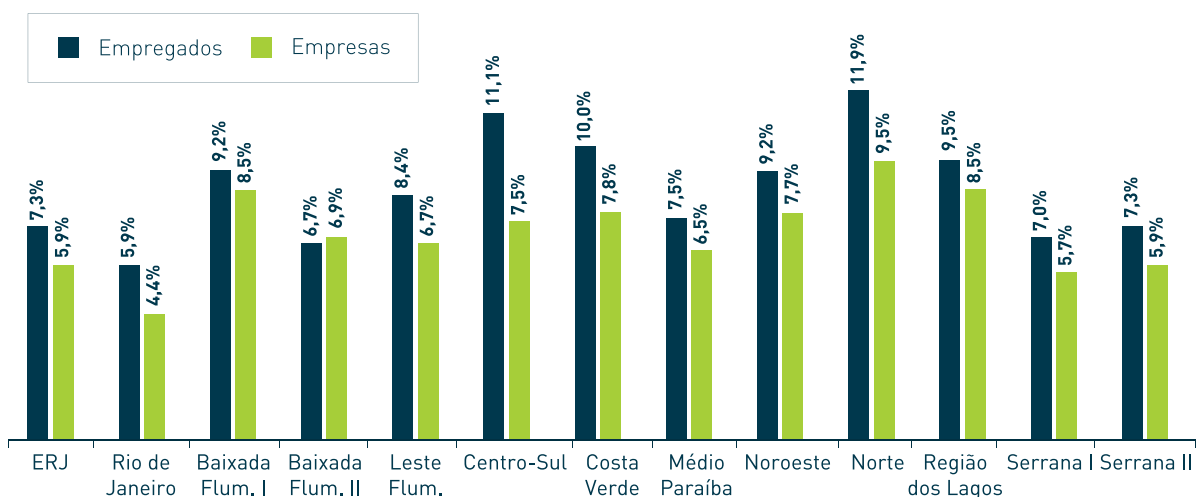
Atualmente, o setor de Construção Civil engloba uma diversidade de segmentos de atuação estratégica do Sebrae/RJ, a saber: Marmorarias, Cerâmica Vermelha, Móveis, Artefatos de Concreto, Construtores e Empreiteiras, Especificadores (Arquitetos, Engenheiros, Designers de Interiores e Paisagistas), Rochas Ornamentais, Prestadores de Serviço, Comércio Varejista e Redes Associativas.

Em 2015, no Estado do Rio de Janeiro, 16,9 mil empresas operavam no setor de construção civil, sendo 16,6 mil micro e pequenas empresas, isto é, quase a totalidade deste setor era de MPE. Eram responsáveis por empregar 124,3 mil pessoas com carteira assinada. Como revela o Gráfico 15, o setor respondia por 5,9% das MPE e 7,3% dos empregados formais que trabalhavam em estabelecimentos do porte no estado. A proporção de MPE da construção é relativamente semelhante entre as regiões do ERJ – especialmente no que tange ao número de empregados. As taxas mais elevadas foram observadas no Norte (11,9%), Centro-Sul (11,1%), e Costa Verde (10%).

À exceção da Baixada Fluminense II, neste setor, as MPE se destacavam mais como empregadoras do que em número de empresas.

GRÁFICO 15 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015

FONTES: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Conforme a Tabela 4, em 2015, os trabalhadores da construção civil recebiam, em média, R\$ 1,6 mil nas MPE e R\$ 1,9 mil no total de empresas fluminenses. Entre as regiões, os empregados da Capital recebiam salários, em média, mais elevados (R\$ 2,1mil).

No geral, o diferencial de rendimento do trabalho formal, no setor de construção, girava em torno de 13,5% das MPE em relação à média de todos os portes. Entre os empregados do Noroeste, a remuneração indefere entre os dois agrupamentos. Na Região dos Lagos, este diferencial é também praticamente nulo, sendo que os ocupados com carteira assinada recebiam pouco a mais do que a média total de empresas fluminenses, em 2015.

TABELA 4 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL - 2015 FONTES: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 1.646,80	R\$ 1.903,36	86,5%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 1.865,00	R\$ 2.172,62	85,8%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.621,98	R\$ 1.753,60	92,5%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.545,13	R\$ 1.929,68	80,1%
Leste Fluminense	R\$ 1.715,85	R\$ 1.749,14	98,1%
Centro-Sul	R\$ 1.308,29	R\$ 1.485,56	88,1%
Costa Verde	R\$ 1.593,55	R\$ 1.643,59	97,0%
Médio Paraíba	R\$ 1.345,45	R\$ 1.410,37	95,4%
Noroeste	R\$ 1.214,59	R\$ 1.214,59	100,0%
Norte	R\$ 1.429,19	R\$ 1.717,37	83,2%
Região dos Lagos	R\$ 1.375,71	R\$ 1.366,53	100,7%
Serrana I	R\$ 1.303,12	R\$ 1.534,12	84,9%
Serrana II	R\$ 1.378,84	R\$ 1.417,36	97,3%

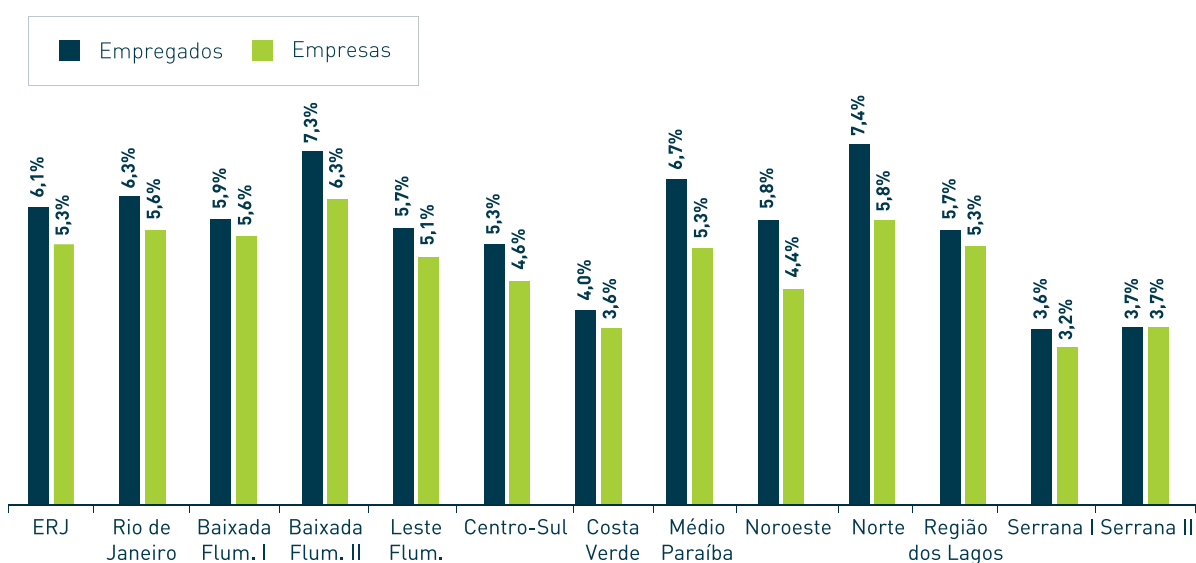
PETRÓLEO E GÁS

A cadeia produtiva de Petróleo, Gás, Naval e Offshore é um dos focos de atuação do Sebrae/RJ para aumentar a competitividade e sustentabilidade dos negócios fluminenses.

Em 2015, segundo dados da RAIS, estavam estabelecidas no Estado do Rio 15.504 empresas relacionadas ao setor de petróleo e gás, ou seja, 5,4% do total. Em conjunto, essas empresas empregavam mais de 263 mil pessoas.

O Gráfico 16 mostra que entre todas as regiões a participação das MPE é maior em termos de geração de emprego do que número de empresas, com destaque para região Norte e Baixada Fluminense II.

GRÁFICO 16 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE PETRÓLEO E GÁS NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Apesar da concentração dos estabelecimentos nas regiões Norte e Baixada, em termos de rendimento, os trabalhadores da Capital se destacavam pelo elevado salário médio, auferido em 2015 – em média, R\$ 2,6 mil nas MPE. Entretanto, conforme revela a esse salário representa 72% do rendimento médio no total dos estabelecimentos da capital.

Na distribuição das unidades territoriais consideradas pelo Sebrae/RJ, os diferenciais de rendimentos do trabalho eram bastante divergentes: os empregados formais das MPE da Baixada Fluminense I recebiam o correspondente a somente 58,4% da média do setor nesta região. Na contramão, na Costa Verde, os trabalhadores das empresas registradas na RAIS em 2015 recebiam 4% a mais que a média do total de empresas fluminenses, quando considerado o setor de petróleo e gás.

TABELA 5 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE PETRÓLEO E GÁS - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

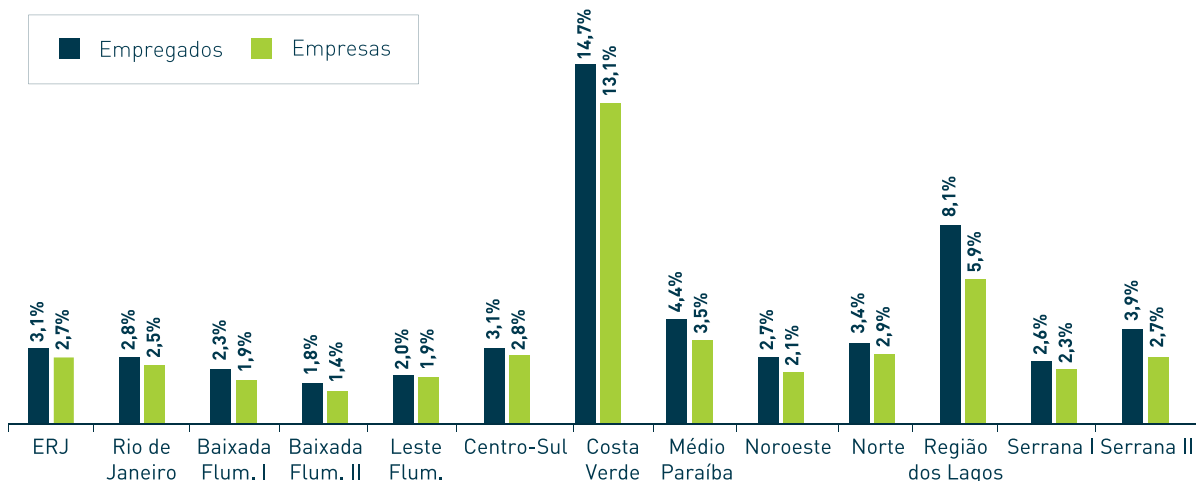
UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 2.216,62	R\$ 3.109,42	71,3%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 2.590,65	R\$ 3.604,71	71,9%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.613,07	R\$ 2.761,24	58,4%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.802,11	R\$ 1.914,11	94,1%
Leste Fluminense	R\$ 1.966,85	R\$ 2.327,50	84,5%
Centro-Sul	R\$ 1.534,56	R\$ 1.604,47	95,6%
Costa Verde	R\$ 2.114,30	R\$ 2.020,69	104,6%
Médio Paraíba	R\$ 1.709,88	R\$ 1.853,46	92,3%
Noroeste	R\$ 1.272,94	R\$ 1.282,50	99,3%
Norte	R\$ 2.249,70	R\$ 2.687,40	83,7%
Região dos Lagos	R\$ 1.487,94	R\$ 1.711,65	86,9%
Serrana I	R\$ 1.464,40	R\$ 1.515,22	96,6%
Serrana II	R\$ 1.534,25	R\$ 2.009,87	76,3%

TURISMO

No setor de Turismo, destacam-se como segmentos relevantes para o Sebrae/RJ: agências de turismo, meios de hospedagem, turismo rural, organização de eventos, bem como pequenos negócios praianos. Atualmente, sua atuação também se dá também por meio de projetos específicos em Rio de Janeiro; Paraty; Mangaratiba; Angra dos Reis; Armação dos Búzios; Araruama; São Pedro da Aldeia; São João da Barra; Rio das Ostras; Cabo Frio; Arraial do Cabo; Casimiro de Abreu; Nova Friburgo; Teresópolis; Petrópolis; Itatiaia; Macaé; Quissamã; e, Carapebus.

Conforme indica o Gráfico 17, as atividades relacionadas ao turismo na Costa Verde destacam-se: em 2015, eram responsáveis por 14,7% dos empregos formais nas MPE costeiras. Os dados indicam também a relevância do turismo entre as MPE da Região dos Lagos — onde há concentração de casas de veraneio, abrangendo 8,1% dos estabelecimentos de micro e pequeno porte e em torno de 6% dos empregos. Da mesma forma como fora destacado na NC nº 43, embora a cidade do Rio de Janeiro seja reducto de atrações turísticas de reconhecimento internacional, não tem representatividade tão alta das MPE do setor – nem em termos de número de estabelecimentos, muito menos na geração em empregos formais.

GRÁFICO 17 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE TURISMO NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Segundo a Tabela 6, a remuneração nas MPE na área de turismo era próxima de R\$ 1,6 mil, o que equivalia a 74% da remuneração no total de empresas atuantes no setor turístico em 2015. Entre as regiões, a Capital novamente é o destaque positivo por pagar salários, em média, mais elevados, de R\$ 1,9 mil nas MPE. No caso do turismo, os empregados em MPE do Noroeste recebiam os menores salários, de R\$ 1,2mil.

Quanto ao diferencial da remuneração do trabalho, nota-se que nenhuma das regiões se aproxima de 100%. A menor diferença ocorre entre empregados da Noroeste, de 91,5% - onde os empregados recebiam os piores rendimentos naquele ano.

TABELA 6 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE TURISMO - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 1.611,05	R\$ 2.183,80	73,8%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 1.943,79	R\$ 2.659,08	73,1%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.344,62	R\$ 1.792,54	75,0%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.261,22	R\$ 1.826,47	69,1%
Leste Fluminense	R\$ 1.446,89	R\$ 1.784,46	81,1%
Centro-Sul	R\$ 1.217,94	R\$ 1.472,51	82,7%
Costa Verde	R\$ 1.365,53	R\$ 1.545,28	88,4%
Médio Paraíba	R\$ 1.255,18	R\$ 1.458,43	86,1%
Noroeste	R\$ 1.206,01	R\$ 1.317,36	91,5%
Norte	R\$ 1.453,44	R\$ 1.898,38	76,6%
Região dos Lagos	R\$ 1.339,11	R\$ 1.550,13	86,4%
Serrana I	R\$ 1.208,82	R\$ 1.404,96	86,0%
Serrana II	R\$ 1.318,62	R\$ 1.658,88	79,5%

MODA

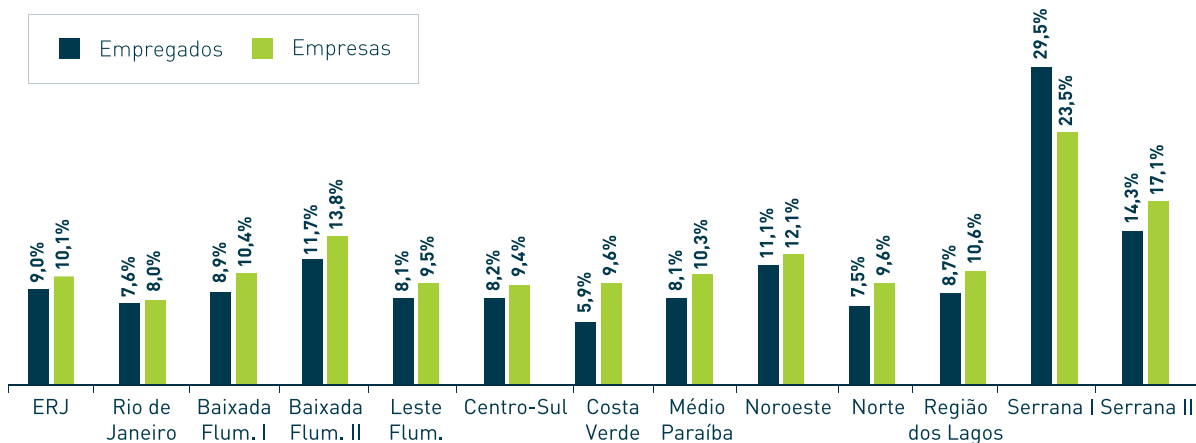
No conjunto de atividades de atuação relacionadas ao setor de Moda, destacam-se como estratégicas para o Sebrae/RJ: indústria têxtil; confecção de roupas e acessórios; confecção de roupas profissionais; couro; calçados; bijuterias; gemas e joias; comércio varejista; e, serviços de moda.

Existem mais de 28 mil MPE atuando com moda no estado. Segundo o Gráfico 18, esses estabelecimentos correspondem a 10% do total de micro e pequenas empresas do estado e empregavam 152,8 mil pessoas, o equivalente a 9% dos trabalhadores formais em MPE no ERJ.

De maneira geral, o setor tem mais importância em termos de estabelecimentos do que de empregos entre as MPE, exceto na região Serrana I, onde representava quase um quarto de todas as micro e pequenas empresas, e aproximadamente 30% do total de trabalhadores nas MPE em território fluminense. Vale atentar-se que esta região é reduto do principal polo têxtil do estado, suas indústrias são localizadas em municípios como Nova Friburgo, Teresópolis e Bom Jardim. A região Serrana II também conta com peso expressivo da área de moda, o setor concentra 17,1% das micro e pequenas empresas fluminenses.

GRÁFICO 18 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE MODA NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015

FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



Os salários recebidos pelos trabalhadores da região de maior representatividade, Serrana I, são, no entanto, os menores do estado, com valor de R\$ 1.089. Conforme explicitado na Tabela 7, os rendimentos dos empregados no setor também são baixos no Noroeste e no Centro-Sul. A Capital é a única região que apresenta, entre as MPE, rendimentos médios acima da média. Como é um setor composto basicamente de micro e pequenas empresas, os diferenciais de rendimentos do trabalho são quase inexistentes. Em alguns casos, os rendimentos nas MPE chegam a ser idênticos ou pouco superiores aos observados na média do total de empresas, como aferido nas regiões Médio Paraíba, Centro-Sul, e Costa Verde.

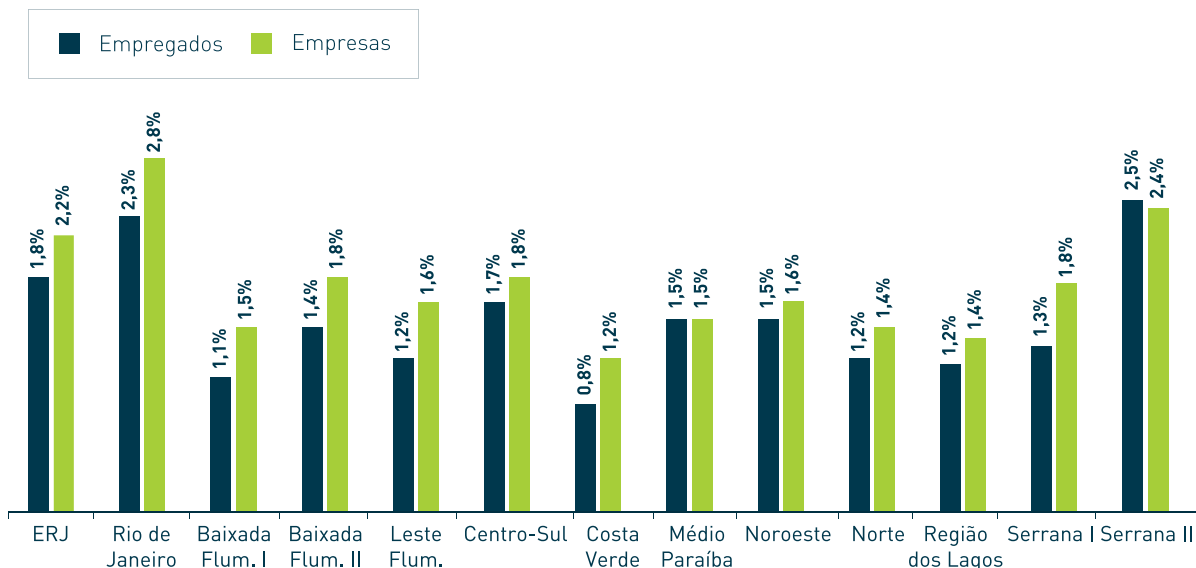
TABELA 7 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE MODA - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 1.321,79	R\$ 1.419,23	93,1%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 1.527,83	R\$ 1.669,75	91,5%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.181,67	R\$ 1.280,72	92,3%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.217,21	R\$ 1.239,12	98,2%
Leste Fluminense	R\$ 1.279,74	R\$ 1.300,34	98,4%
Centro-Sul	R\$ 1.088,78	R\$ 1.040,52	104,6%
Costa Verde	R\$ 1.125,52	R\$ 1.125,52	100,0%
Médio Paraíba	R\$ 1.167,46	R\$ 1.163,86	100,3%
Noroeste	R\$ 1.043,61	R\$ 1.046,01	99,8%
Norte	R\$ 1.211,74	R\$ 1.216,44	99,6%
Região dos Lagos	R\$ 1.192,92	R\$ 1.194,44	99,9%
Serrana I	R\$ 1.043,14	R\$ 1.089,59	95,7%
Serrana II	R\$ 1.116,36	R\$ 1.235,45	90,4%

ECONOMIA CRIATIVA

A economia criativa abrange atividades relacionadas à indústria audiovisual, cadeia produtiva de música, incluindo músicas para trilhas sonoras, produção cultural, empresas de design, jogos eletrônicos (games), e artesanato. No Estado do Rio de Janeiro, este setor é menor do que os estudados anteriormente, ao menos no que diz respeito às MPE formais. No estado, são pouco mais de seis mil empresas deste porte, com 31,5 mil empregados.

Os dados, apresentados no Gráfico19, revelam que, no ano de referência, o setor era mais relevante na Capital e na região Serrana II, onde suas MPE representam, respectivamente, 2,8% e 2,4% do total fluminense.

GRÁFICO 19 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE ECONOMIA CRIATIVA NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.


Segundo a Tabela 8, os trabalhadores em micro e pequenas empresas do setor de economia criativa na Capital são mais bem remunerados do que os demais, recebem, em média, R\$ 2.748 nas MPE e R\$ 4.338 no total de estabelecimentos. A cidade do Rio também se destaca, porém, com o segundo maior diferencial de rendimentos entre empregados formais de MPE e da média geral do setor – ficando atrás apenas da Baixada Fluminense I. Estes diferenciais de remuneração apresentam grandes distorções no território fluminense.

TABELA 8 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE ECONOMIA CRIATIVA - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

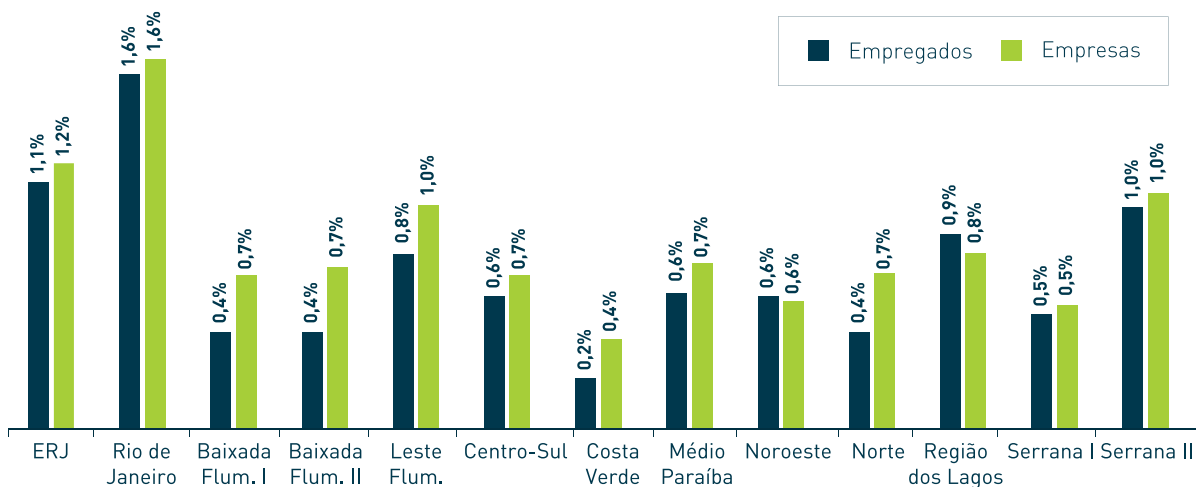
UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 2.288,61	R\$ 3.869,89	59,1%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 2.748,39	R\$ 4.338,69	63,3%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.376,31	R\$ 2.446,72	56,3%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.396,99	R\$ 1.506,58	92,7%
Leste Fluminense	R\$ 1.742,39	R\$ 2.099,52	83,0%
Centro-Sul	R\$ 1.155,99	R\$ 1.204,83	95,9%
Costa Verde	R\$ 2.028,40	R\$ 2.827,95	71,7%
Médio Paraíba	R\$ 1.414,66	R\$ 1.587,45	89,1%
Noroeste	R\$ 1.193,74	R\$ 1.193,74	100,0%
Norte	R\$ 1.588,95	R\$ 1.696,99	93,6%
Região dos Lagos	R\$ 1.446,41	R\$ 1.689,07	85,6%
Serrana I	R\$ 1.408,64	R\$ 1.456,13	96,7%
Serrana II	R\$ 1.395,83	R\$ 1.593,80	87,6%

BASE TECNOLÓGICA

O setor de Base Tecnológica contempla atividades como desenvolvimento de programas computacionais, reparação e manutenção de computadores e oferta de serviços de tecnologia de informação. Responde pelo menor número de MPE no Estado do Rio de Janeiro. Por conta das especificidades das tarefas envolvidas nessas atividades, o trabalho exige elevada qualificação. Por isso, conforme já sublinhado, base tecnológica é o setor com maior percentual de mão de obra ocupada com ensino superior.

Em todas as regiões do estado, a participação das MPE de base tecnológica, tanto no total de micro e pequenas empresas quanto no conjunto de seus empregados, é menor do que 1,3%. A cidade do Rio se destaca com os maiores percentuais – 1,6% dos estabelecimentos e 1,6% dos empregados –, sendo seguido pelo Leste Fluminense e pela região Serrana II.

GRÁFICO 20 | PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE BASE TECNOLÓGICA NO TOTAL DE MPE POR REGIÃO DO ERJ – 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.



A remuneração média dos empregados no setor é a maior entre todos os setores estratégicos do Sebrae. Assim como nos demais setores, a remuneração média no total de empresas é mais alta na Capital (R\$ 5,8 mil), o mesmo ocorrendo entre as MPE (R\$ 3,7 mil). No entanto, apesar da média elevada, esses valores refletem um grande diferencial de salários. Essa diferença é ainda mais expressiva na Região dos Lagos, onde o salário nas MPE, do segmento de base tecnológica, chega a ser metade do auferido pela média geral.

Por outro lado, os rendimentos nas micro e pequenas empresas de base tecnológica no Médio Paraíba e Baixada Fluminense II estão bem acima dos observados na média das empresas do setor, constituindo a maior representatividade observada em todos os sete setores (121%).

TABELA 9 | REMUNERAÇÃO MÉDIA NO SETOR DE BASE TECNOLÓGICA - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

UNIDADE TERRITORIAL	MPE (A)	TOTAL DE EMPRESAS (B)	(A/B)
Estado do Rio de Janeiro	R\$ 3.209,81	R\$ 5.107,72	62,8%
Município do Rio de Janeiro	R\$ 3.713,77	R\$ 5.840,32	63,6%
Baixada Fluminense I	R\$ 1.421,75	R\$ 2.443,00	58,2%
Baixada Fluminense II	R\$ 1.777,15	R\$ 1.603,50	110,8%
Leste Fluminense	R\$ 2.039,60	R\$ 3.214,74	63,4%
Centro-Sul	R\$ 2.141,96	R\$ 2.141,96	100,0%
Costa Verde	R\$ 1.182,35	R\$ 1.182,35	100,0%
Médio Paraíba	R\$ 1.783,62	R\$ 1.634,15	109,1%
Noroeste	R\$ 1.341,94	R\$ 1.341,94	100,0%
Norte	R\$ 1.943,57	R\$ 2.518,68	77,2%
Região dos Lagos	R\$ 1.911,68	R\$ 3.758,10	50,9%
Serrana I	R\$ 1.503,80	R\$ 1.527,40	98,5%
Serrana II	R\$ 2.071,43	R\$ 2.261,08	91,6%

EM RESUMO

O ano de 2017 iniciou com grandes desafios para a economia brasileira, especialmente para o Estado do Rio de Janeiro, que enfrenta grave desequilíbrio fiscal, endividamento e crise de liquidez, com atraso de pagamento de salários e demais contas. No ERJ, a taxa de desemprego se encontra em níveis recordes, e acima da média nacional, dificultando a utilização plena dos fatores de produção.

Neste contexto complexo de contração da produção e racionalização de recursos, encontram-se as micro e pequenas empresas do Rio de Janeiro. Embora as MPE tenham grande capacidade de geração de trabalho e renda, eram responsáveis por quase 40% dos empregos formais e quase ¼ da massa salarial do estado, no período entre 2014 e 2015, muitas empresas encerraram suas atividades no território fluminense, especialmente as de pequeno porte. A expectativa é de que os dados pioraram ainda mais em 2016.

Os microempreendedores individuais apresentaram um fôlego maior nesta conjuntura, aumentou o número de empresas registradas. Todavia, a taxa de inadimplência percebida destes registrados no ERJ são bem superiores à média nacional e do Sudeste: em 2017, em cada dez MEI fluminenses, sete estão inadimplentes.

Com a análise dos pequenos negócios por setor estratégico, nas regiões fluminenses, foi possível identificar a relevância dos setores de alimentos e de moda, em número de estabelecimentos e de trabalhadores ocupados em postos formais de trabalho – mas ainda recebem as piores remunerações.

A cidade do Rio se destaca com os melhores rendimentos do trabalho, especialmente nos setores de Base Tecnológica e de Economia Criativa que são intensivas em mão de obra qualificada, com ensino superior. Na contramão, a região Noroeste apresentou os piores rendimentos do trabalho em quase todos os setores analisados.

A Tabela 10 traz um resumo dos principais resultados das MPE, ressaltando a importância dos setores estratégicos seja em termos de número de empresas quanto em geração de trabalho e renda.

TABELA 10 | VISÃO GERAL DOS SETE SETORES ESTRATÉGICOS - 2015 FONTE: IETS com base nos dados da RAIS/MTPS, 2015.

	PESO DOS SETORES ESTRATÉGICOS NAS MPES DO ERJ		REMUNERAÇÃO MÉDIA		POSIÇÃO DO SETOR ESTRATÉGICO POR ORDEM DE REPRESENTATIVIDADE - MPE	
	TOTAL DE EMPRESAS	EMPREGO	MPE	TOTAL	TOTAL DE EMPRESAS	EMPREGO
 ALIMENTOS MAIOR MENOR	17,2%	18,5%	R\$ 1.221,93	R\$ 1.378,48	1º	1º
	NOROESTE CAPITAL	CENTRO-SUL CAPITAL	CAPITAL SERRANA I	CAPITAL NOROESTE		
 MODA MAIOR MENOR	10,1%	9,0%	R\$ 1.321,79	R\$ 1.419,23	2º	2º
	SERRANA I CAPITAL	SERRANA I COSTA VERDE	CAPITAL SERRANA I	CAPITAL CENTRO-SUL		
 CONSTRUÇÃO CIVIL MAIOR MENOR	5,9%	7,3%	R\$ 1.646,80	R\$ 1.903,36	3º	3º
	NORTE CAPITAL	NORTE CAPITAL	CAPITAL NOROESTE	CAPITAL NOROESTE		
 PETRÓLEO E GÁS MAIOR MENOR	5,3%	6,1%	R\$ 2.216,62	R\$ 3.109,42	4º	4º
	BAIXADA FLU. II SERRANA I	NORTE SERRANA II	CAPITAL NOROESTE	CAPITAL NOROESTE		
 TURISMO MAIOR MENOR	2,7%	3,1%	R\$ 1.611,05	R\$ 2.183,80	5º	5º
	COSTA VERDE BAIXADA FLU. II	COSTA VERDE BAIXADA FLU. II	CAPITAL NOROESTE	CAPITAL NOROESTE		
 ECONOMIA CRIATIVA MAIOR MENOR	2,2%	1,8%	R\$ 2.288,61	R\$ 3.869,89	6º	6º
	CAPITAL COSTA VERDE	SERRANA I COSTA VERDE	CAPITAL CENTRO-SUL	CAPITAL NOROESTE		
 BASE TECNOLÓGICA MAIOR MENOR	1,2%	1,1%	R\$ 3.209,81	R\$ 5.107,72	7º	7º
	CAPITAL COSTA VERDE	CAPITAL COSTA VERDE	CAPITAL COSTA VERDE	CAPITAL COSTA VERDE		

E MAIS...

- Segundo dados do CEPERJ, em 2016, contribuíram para a contração do PIB fluminense o decréscimo das atividades e produção dos seguintes setores: Agropecuária (-8,0%, resultado impulsionado pela queda na produção da cana de açúcar), Indústria (-6,2%, onde a construção civil teve contribuição expressiva neste resultado), e Serviços (-2,6%, com quedas acumuladas no comércio; transporte, armazenagem e correios; educação e saúde privada; e, alojamento e alimentação).
- O estudo “Sobrevivência das Empresas no Brasil”, divulgado pelo Sebrae em 2016, apontou que a taxa de sobrevivência das empresas de dois anos, constituídas em 2012, no país, era de 76,6% (80% no ERJ). A taxa de sobrevivência dos MEI era de 87%, resultado próximo das EPP, MdE e GdE, mais robustas. O estudo atribuiu o bom resultado dos microempreendedores individuais à agilidade do registro, a pouca burocracia e o baixo peso dos impostos.